



DOM JOSÉ CARLOS DE LIMA VAZ, SJ

SANTOS

VIDA E FÉ

 EDITORA
VOZES

Quando Santo Inácio de Loyola faleceu em Roma no dia 31 de julho de 1556 as Congregações Marianas ainda não haviam sido fundadas. Somente sete anos depois, em 1563, o Padre Jean Leunis, SJ, iniciou entre os estudantes do Colégio Romano aquele grupo de consagrados à Virgem Maria, que foi a primeira Congregação Mariana. Era o núcleo inicial que se desdobraria depois em muitos outros núcleos que há mais de quatro séculos deram à Igreja tantos santos e santas.

Contudo, como escola de santificação pessoal e de serviço apostólico à Igreja, as Congregações Marianas sempre se reconheceram assinaladas por uma marca inaciana inegável na sua espiritualidade e no seu carisma apostólico. Por isso, com toda razão, os congregados marianos sempre veneraram Santo Inácio de Loyola como seu mestre espiritual e como o inspirador da identidade própria que os distingue entre tantos outros movimentos e associações na Santa Igreja.

Quem foi Inácio de Loyola?

Poucos santos, dos últimos séculos, como Inácio de Loyola, têm sido tão estudados e apresentados nas diversas faces de sua personalidade humana e espiritual, de sua presença na Igreja e de seu papel na história da civilização moderna.

Para muitos Inácio foi sempre um guerreiro, que soube levar para sua ação na Igreja e para a Ordem que ele fundou a disciplina e organização dos militares. Para outros, foi o homem perspicaz que entendeu o momento histórico que vivia a Igreja, no século XVI, dilacerada pela

Reforma Protestante, mas para a qual se abriam novos horizontes de evangelização no Extremo Oriente e nas Américas.

Outros preferem ver em Inácio o mestre espiritual cujo livrinho dos Exercícios Espirituais, inspirado na sua experiência pessoal, se tornou um ponto de referência obrigatório no desenvolvimento da espiritualidade cristã, uma escola incomparável de oração e um poderoso elemento de formação espiritual e de reforma de vida dos Sacerdotes, dos religiosos e dos fiéis leigos. A espiritualidade inaciana, baseada nos Exercícios Espirituais, tem sido apresentada pelos Papas como um método inspirado e extraordinariamente fecundo para o crescimento na vida espiritual e na santidade da vida.

Poucos mostram um lado menos conhecido de Inácio, como o homem de oração, o contemplativo de profunda sensibilidade espiritual. É surpreendente ver como este homem tão objetivo e racional se enternecia até às lágrimas na contemplação da obra divina nas belezas da natureza, que chorava ao ver o céu estrelado ou dialogava carinhosamente com as flores cujo encanto o deslumbrava como sinal da presença delicada do poder e bondade do Criador.

Muitos somente enxergam em Inácio o homem inovador, o revolucionário da vida religiosa, que não quis na sua Ordem as exigências da oração em comum do Ofício Divino, das longas orações ou penitências em comunidade que eram consideradas essenciais à vida religiosa até então. Inácio queria seus religiosos como homens de profundo despojamento e liberdade interior, de vida pessoal de oração para se entregarem mais desimpedidos ao cumprimento das missões recebidas da Igreja.

Finalmente alguns colocam Santo Inácio como um personagem sinistro, ardiloso, que formou um grupo de homens de elite, soldados de um projeto ambicioso de poder espiritual e político. Esta imagem, falsa mas propalada, criou um clima de hostilidade e desconfiança dos poderosos do mundo que levou a Igreja em 1773 a decretar a supressão da Companhia de Jesus, restaurada 35 anos depois pela mesma Igreja. Esta

lenda contra os jesuítas lhes valeu todo tipo de perseguição, que ainda perdura em nossos dias.

Para os congregados marianos, contudo, Inácio de Loyola aparece como o peregrino de Maria, o cavaleiro apaixonado por sua Dama, a Rainha do Céu, o mestre espiritual que ensina a mediação de Maria na busca do conhecimento, do amor e do seguimento de Cristo, o Rei Eterno.

Para o jovem Iñigo (este o nome de Batismo – o santo somente passaria a chamar-se Inácio, em honra do Santo Bispo de Antioquia, mártir no século II da Era Cristã, quando estudante em Paris, aos 37 anos de idade) a atração pelas mulheres era muito forte a ponto de criar fantasias na mente do fidalgo. Ele sonhava realizar grandes feitos para conquistar o coração de uma “certa dama” – escreveria mais tarde nas suas memórias –, “não duquesa ou condessa, mas de condição muito mais alta do que todas estas”.

Ferido na batalha de Pamplona, em maio de 1521, Iñigo foi recuperar-se no Castelo dos Loyola, onde começou o processo de sua conversão. Na leitura da vida de Cristo e da vida dos santos o jovem começou a perceber os sentimentos que lhe ficavam no espírito após meditar o que lera, ou depois dos devaneios de sua mente voltada para as aventuras de cavaleiro. Iñigo começou a sentir, desde então, repugnância da vida passada. Uma noite teve uma clara visão da Virgem Maria com o Menino Jesus. Foi uma experiência tão marcante que, escreverá ele, “passou a ter tal nojo da vida passada, especialmente dos pecados da carne, que teve a impressão de se lhe haverem eliminado da alma todas as imagens que antes o seduziam”. Desde aquela hora julgou “nunca mais ter consentido em tentações impuras”.

Naqueles longos meses de convalescença Iñigo foi consolidando o seu novo projeto de vida. No final de fevereiro de 1522 partiu de Loyola. Seus propósitos eram ainda marcados pelo ideal de ser cavaleiro, agora a serviço de outra dama, de Maria. No caminho, por pouco não entrou em combate com um mouro que falara contra a virgindade de Maria, cuja honra Iñigo deveria defender como fiel e leal cavaleiro.

Em março de 1522 chegou às proximidades de Barcelona, onde pretendia iniciar a peregrinação à Terra Santa. Parou no famoso Mosteiro beneditino de Montserrat e foi acolhido pelos monges. Antes de trocar as vestes de fidalgo por uma roupa grosseira de peregrino, Iñigo, após fazer uma confissão geral a um monge, passou a noite diante do altar da Virgem, velando as armas conforme o rito dos antigos cavaleiros. Deixou para o mosteiro a espada, o punhal e a mula em que viajara, deu suas vestes de fidalgo a um mendigo e vestiu-se de peregrino. Era agora um novo cavaleiro, soldado do Rei Eterno, devotado à excelsa Senhora, a Rainha dos Céus. Começava uma nova vida!

De Montserrat Iñigo foi para a cidadezinha de Manresa onde permaneceria quase um ano, período extraordinariamente fecundo de experiência espiritual em que passou da fase das tentações e escrúpulos a um período de intensa iluminação espiritual. Foi nesta fase que o peregrino adquiriu, por dom de Deus, o intenso conhecimento interior que se traduziu no itinerário espiritual incomparável dos “Exercícios Espirituais”, o qual retrata a própria experiência íntima de Inácio de Loyola.

De Manresa a Barcelona, de Barcelona, passando pela Itália, Iñigo conseguiu fazer a peregrinação à Terra Santa. De volta, após várias peripécias, o peregrino estava convicto de que, para servir a Deus e ajudar o próximo, deveria estudar. Aos 33 anos, em Barcelona, Iñigo se mistura às crianças para os estudos básicos. Após dois anos vai para Alcalá e depois para Salamanca continuar os estudos. Seu modo de viver, a influência exercida pela sua personalidade carismática, desperta suspeitas da Inquisição. Interrogado, examinado, proibido de dar conselhos aos que o procuravam, Iñigo resolveu ir estudar em Paris, onde chegou dia 2 de fevereiro de 1528. Tinha 37 anos.

Começou os estudos. Ao seu redor foram se reunindo companheiros. O jovem saboiano Pedro Fabro, de 22 anos, foi o primeiro Sacerdote do grupo que se formou – hoje o Beato Pedro Fabro. Outro, da mesma idade, era o nobre Navarro Francisco Xavier, cuja ligação a Iñigo –

desde agora começou a chamar-se Inácio – não teve um começo fácil, pois o jovem somente pensava em glórias mundanas. Aderiu a Inácio, tornou-se o grande missionário do Oriente, é o celeste Padroeiro das Missões, canonizado junto com Inácio em 12 de março de 1622. O grupo se ampliou. Em 15 de agosto de 1534 selaram a ligação entre eles com os votos de pobreza, castidade e peregrinar à Terra Santa ou, se não fosse possível, colocar-se sob as ordens do Papa. Era a celebração da Assunção de Maria. Desde então os jesuítas conservaram o hábito de pronunciar seus Votos Solenes nos dias das celebrações marianas.

Terminados os estudos em Paris, os companheiros partiram para a Itália. Inácio acompanhou-os depois de passar pela Espanha. Em Veneza se reuniram. Agora já eram 10. Alguns companheiros foram a Roma pedir licença ao Papa para a peregrinação à Terra Santa. Obtiveram também a licença para a ordenação sacerdotal. De volta a Veneza, enquanto esperavam um navio que os levasse à Terra Santa, os companheiros foram ordenados Sacerdotes na primavera de 1537. Enquanto os companheiros se espalhavam por várias cidades, vendo que se tornara inviável a peregrinação à Terra Santa, Inácio e dois companheiros partiram para Roma a fim de se apresentarem ao Papa.

Viagem cheia de esperanças e receios. Qual seria em Roma a acolhida que teriam? Durante a viagem Inácio recorreu à Virgem Mãe – “coloca-nos com teu Filho, queremos ser os companheiros de Jesus!” Já perto de Roma, entraram para orar numa pequena igreja dedicada a Nossa Senhora da Estrada no lugarejo chamado La Storta. Uma voz interior dizia a Inácio – “Eu vos serei propício em Roma!” Inácio comentou com os companheiros – “Não sei o que nos vai acontecer. Talvez sejamos crucificados em Roma”. Então sentiu uma profunda certeza interior “da qual não poderia duvidar, de que Deus o colocava com seu Filho”. E na visão, conduzido pela Virgem, pareceu a Inácio ver Jesus com a cruz e o Pai que lhe dizia: “Quero que tu nos sirvas!” Era o final de novembro de 1537.

A experiência mística da La Storta foi decisiva na vida de Inácio e dos companheiros. Já não duvidavam do plano de Deus de fundar um novo instituto religioso que seria a Companhia de Jesus.

Desde a Páscoa de 1538 os companheiros estavam reunidos em Roma e haviam se apresentado ao Papa. Ele mandou que se fizesse um rigoroso exame da sua vida e doutrina. Em novembro de 1538 saía a sentença absolutória. Poucos dias depois se ofereceram ao Papa. Como escreveu mais tarde o Beato Pedro Fabro, “fizemo-lo saber, com toda clareza, que estávamos prontos para cumprir todas as decisões que ele, em Cristo, pudesse tomar a nosso respeito”. Este dia, 23 de novembro de 1538, marcou o início da ligação da Companhia de Jesus com o Papa e foi a origem do voto especial de obedecer ao Papa que fazem os jesuítas.

Inácio já era Sacerdote, mas ainda não celebrara sua Primeira Missa. Queria que fosse em Belém, mas como isso se tornara impossível, celebrou-a no Natal de 1538 no altar do Presépio da Basílica de Santa Maria Maior. Mais uma vez Maria presente nos momentos decisivos da vida do seu peregrino.

O ano de 1539 foi crucial. O Papa começara a confiar missões aos companheiros que se dispersaram: Portugal, Nápoles, o norte da Itália. Xavier partiu para a Índia. Contudo, foi neste ano que deliberaram a constituição de novo instituto religioso. Inácio redigiu a primeira Fórmula do Instituto – ou a carta de princípios da nova Companhia e submeteu-a ao Papa. Este pediu o parecer de dois Cardeais, que foram contrários. Um não aceitava as propostas inovadoras de Inácio; outro era contrário à fundação de novas ordens religiosas. Inácio, um obstinado quando estava certo da vontade de Deus, mandou que fossem celebradas 3.000 Santas Missas para sua causa ser atendida. Contornados os obstáculos, em 27 de setembro de 1540 o Papa Paulo III aprovou oficialmente a Companhia de Jesus.

O ano seguinte foi da organização da nova Ordem. Dia 5 de abril os companheiros presentes em Roma (os ausentes mandaram seus votos)

elegeram por unanimidade a Inácio como o primeiro Geral. Ele recusou: “os pecados passados, sua juventude escandalosa poderiam comprometer a nova Ordem”. Dias depois, nova eleição e Inácio é confirmado. Durante três dias Inácio se colocou em oração, consultou o confessor. “Resistir à decisão dos companheiros é opor-se ao Espírito Santo!” Inácio aceitou finalmente. Em 22 de abril, no altar da Santíssima Virgem, na Basílica de São Paulo, Inácio e os companheiros fizeram sua Profissão durante a Santa Missa. Esta data passou a ser para os jesuítas a Festa de Nossa Senhora, Mãe da Companhia de Jesus.

Os anos seguintes prenderam o “peregrino” em Roma, de onde comandava seus jesuítas que se multiplicavam pelo mundo no serviço de Deus: Itália, França, Espanha, Alemanha, Índia, Japão, América Espanhola, Brasil. Em Roma também trabalhava na recuperação das mulheres de vida livre, iniciava colégios pela Europa, criava seminários para formação de bons Sacerdotes para a Alemanha, o Oriente Médio e a África. A saúde, contudo, não ajudava. Ela foi se agravando, até que na madrugada de 31 de julho de 1556 o “peregrino” terminou a peregrinação pela terra para encontrar no céu a Dama diante de quem, 34 anos antes, velara armas na vigília noturna na Igreja do Mosteiro de Montserrat.

O perfil mariano de Inácio de Loyola fica bem claro no seu livrinho dos “Exercícios Espirituais”. Depois de Cristo (115 vezes), de Deus (58 vezes), Maria é o nome mais repetido por Inácio (45 vezes). Maria, Virgem Maria, Mãe, Mãe e Senhora, Nossa Senhora são expressões com que o peregrino chama sua Dama.

A presença de Maria é importante nas meditações centrais que Inácio propõe ao que faz os Exercícios Espirituais. Assim, na meditação sobre os pecados pessoais o exercitante deve pedir a Maria que alcance de seu Filho a graça de conhecer e detestar os próprios pecados, de sentir a própria desordem interior e o conhecimento da maldade do mundo (EE 63). Na meditação do Reino de Cristo ele é levado a fazer ao Rei Eterno sua oblação própria “diante de vossa Mãe gloriosa” (EE 98). Na meditação chamada das Duas Bandeiras, Inácio sugere ao exercitante o colóquio

com Nossa Senhora para alcançar de seu Filho “graça para que eu seja recebido sob sua bandeira” (EE 147). Nas meditações sobre os mistérios da vida de Cristo Inácio coloca toda a ternura que sentia pela Virgem Maria, especialmente nas meditações sobre a Encarnação (EE 102-108), o nascimento em Belém (EE 111-114), a aparição de Jesus Ressuscitado a sua Mãe (EE 218-220).

Nada mais natural que Maria, com um papel tão central na conversão do soldado ferido, na decisão de uma nova vida assumida na vigília de Montserrat, na primeira oblação a Deus em Paris, na chegada a Roma, na Primeira Missa e na Profissão diante de seu altar em Roma se tornasse, no legado espiritual de Inácio de Loyola, uma referência essencial para se conhecer seu perfil de santo. Deste legado nasceram nossas Congregações Marianas.